

Imagem aérea do local: possibilidades e desafios no ensino de conceitos geográficos nas séries iniciais

Helena Amaral da Fontoura

Professora Adjunta da Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Daniel Coimbra Matos

Licenciado em Geografia pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Qualquer texto e qualquer conjunto de símbolos é sempre simultaneamente o ponto de chegada de uma história anterior e o ponto de partida de uma nova história a ser reinventada.
(REGO, 2001, p. 172)



Vista aérea da região do CIEP 045 – Porto do Roza – São Gonçalo, RJ

Fonte: Google Earth 4.0 2008

Este trabalho pretende uma reflexão crítica sobre as possibilidades presentes no uso de imagens para complementar a formação de alunos das séries iniciais em um Centro Integrado de Educação Pública - CIEP localizado em São Gonçalo, município do Estado do Rio de Janeiro, com vistas ao que chamamos alfabetização cartográfica. Está inserido em um projeto de Iniciação à Docência, desenvolvido na Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O projeto concebido na FFP tem como objetivo integrar os estudos dos universitários com a realidade escolar do município de São Gonçalo – RJ. Por se tratar de um espaço de formação de professores em diversas áreas, a FFP propicia a interação entre alunos de variados cursos, fato que foi aproveitado para montar a equipe multidisciplinar de alunos para o projeto. Durante todo o projeto utilizamos a abordagem etnográfica de inserção em um grupo para, vivenciando sua cultura poder entendê-la. Assumimos aqui nossa postura de educadores humanistas, como propõe Freire, empenhados na libertação do oprimido ao mostrar-lhe as ferramentas de libertação. Na Geografia, temos a análise crítica do espaço como uma de nossas ferramentas e, por isso, concordamos com Callai que o profissional deve estar atento à sua formação técnica sem abdicar de sua função social. Enquanto professores de Geografia, devemos nos preocupar com os conteúdos e as formas utilizados para o trabalho na sala de aula e também na maneira como trabalhamos com os alunos para que estes se formem cidadãos críticos de sua realidade, pensantes sobre a sociedade e comprometidos com um futuro mais justo e humano. Em nossas atividades, concluímos que, partindo de uma observação da paisagem, podemos chegar à crítica de problemas que nos cercam, estando prontos para agir em nossas mudanças de forma coerente e responsável.

Pensar a imagens como fonte documental nos reportou a um trabalho desenvolvido em um espaço educativo (CIEP 045 – Porto do Roza), com alunos de ensino fundamental, que deu origem à monografia de conclusão de curso de um dos autores e que fala de um projeto concebido na Faculdade de Formação de Professores da UERJ (FFP), em São Gonçalo, que tem como objetivo integrar os estudos dos universitários com a realidade escolar do município de São Gonçalo-RJ. Por se tratar de um espaço de formação de professores em diversas áreas, a FFP propicia a interação entre alunos de variados cursos.

Os laços que se produzem com o projeto, desde seu início, vêm fazendo uma ponte entre as diferentes disciplinas e entre os professores na busca da realização de um dos nossos objetivos na FFP – o de conhecer mais profundamente as características da sociedade gonçalense, seu espaço urbano, suas dificuldades e possibilidades.

Optamos por analisar o projeto realizado no CIEP 045 partindo de seu produto final ao nos depararmos com a definição de hermenêutica

Como um sistema de conceitos que se definem na relação entre si e que, em seu conjunto, aplicados à análise de um texto, é capaz de enunciar aspectos desse texto inacessíveis a uma leitura restrita ao nível do apenas imediato manifesto. (REGO, 2001, p. 170)

O texto passa a ser definido então como o objeto de leitura, seja ele um texto no sentido usual, seja ele qualquer outra coisa passível de ser analisada se submetida a um sistema interpretativo, possibilitando uma leitura transversal desse objeto para além da aparência primeira.

Este autor aponta duas maneiras de se trabalhar com sistemas interpretativos: a hermenêutica arqueológica, em que a leitura privilegia o passado, ou aquilo que gerou os símbolos presentes no objeto de estudo; e a hermenêutica instauradora a qual tem o objeto como ponto de partida,

como um agenciamento de futuro, em vez de como uma fixação do passado [...] um ponto de partida a partir do qual ele próprio, o intérprete, pode continuar a criar outra vida, outro mundo. (REGO, 2001, p. 171-172)

Sendo que ambas não são excludentes e possibilitam leituras complementares de um mesmo texto, pois

[...] qualquer texto e qualquer conjunto de símbolos é sempre simultaneamente o ponto de chegada de uma história anterior e o ponto de partida de uma nova história a ser reinventada. (REGO, 2001, p. 172)

Nossa atividade tratava do tema “Eu e a minha escola”. Começamos a atividade no pátio do CIEP trabalhando o eixo espaço, observando, junto aos alunos, o prédio da escola e os outros elementos presentes no terreno da mesma, a saber: caixa d’água, biblioteca, quadra poliesportiva, piscina. Quando apresentamos as imagens de satélite onde apareciam: a escola, a BR-101 e parte da comunidade ao redor do CIEP, eles se interessaram pela atividade e depois que reconheceram o CIEP na imagem os outros lugares foram fáceis.

Durante a observação da foto aérea, ficou claro que os alunos conheciam bastante o entorno da escola, tomando como referência para seus debates os lugares conhecidos na foto, inclusive, algumas formações geográficas. Além da residência de alguns alunos, familiares e conhecidos, ainda foram reconhecidos através da foto: o posto de saúde vizinho à escola, a BR-101, o campinho, um morro e até apontaram direções para localizar referências que não apareciam na foto, como o mangue e outras residências, por exemplo.

Isso indica o potencial de uso deste tipo de imagem como documento de referência para o estudo da cidade, do lugar, do território (e tantos outros conceitos caros à Geografia). Crianças no ensino fundamental conseguem, usando apenas a imagem e seus conhecimentos cotidianos, localizar, identificar e abstrair direções para se localizarem. Nós, mais acostumados com pesquisas de múltiplas referências, chegaríamos a leituras mais aprofundadas desta mesma realidade ampliando o nosso entendimento da dinâmica espacial que levou à configuração do lugar observado.

O trabalho com imagens/mapas nas séries iniciais tem como propósito a aproximação dos alunos com este importante instrumento de leitura e representação espacial, ou ainda a alfabetização cartográfica como geralmente se refere ao tema a bibliografia especializada. O processo de alfabetização cartográfica se inicia quando o sujeito reconhece os lugares, conseguindo identificar as paisagens, sendo este o primeiro passo para se ler e pensar o espaço, para se fazer a leitura da vida a partir do que pode ser percebido no espaço socialmente construído. “Importa então considerar as características culturais dos povos e os interesses envolvidos para a realização da leitura da paisagem”. (CALLAI, 2005, p. 238)

Para Aguiar (2003, p. 143), “toda escolha é limitada por uma situação que caracteriza o nosso modo de ser no mundo e compreende um lugar, a configuração territorial tecida de relações flexíveis no próprio cotidiano desse lugar” e suas paisagens trazem em si a história desse um lugar, de sua população em sua constante relação com os recursos e o ambiente, enfim a cultura desta população.

Então, por mais que uma imagem seja apenas um recorte de uma representação da realidade, balizado pelas convicções, preconceitos e intenção de uso de quem a enquadra e a prepara, sua leitura traz à tona aspectos desta realidade antes escondidos nos meandros do cotidiano, sendo perceptíveis (ou até mesmo reconhecíveis) apenas por aqueles que nesta realidade vivem.

Deste modo, ao pensar o próprio espaço, o sujeito estará exercitando a análise crítica das condições de vida em seu lugar, mas com a possibilidade – posteriormente necessidade, porque pensar criticamente deverá sempre nos levar a pensar a diante – de se situar efetivamente no mundo. E ao reconhecer sua identidade e o seu pertencimento pode se tornar responsável pela definição dos rumos de sua vida. (CALLAI, 2005)

Burke (2001) reitera a mensagem de que o contexto é a chave para avaliar a contribuição de um documento visual; para ele, as imagens frequentemente levam a pesquisa por caminhos nos quais a palavra escrita (ou falada) sozinha não consegue ir. Seguindo suas pistas, historiadores (e, porque não dizer, outros profissionais) podem encontrar formas criativas de incluir documentos visuais em suas pesquisas e atividades.

Desde a forma como a imagem propaga valores à informação sobre o uso social dos objetos, das imagens carregadas de preconceitos à apresentação de regras rígidas, para este autor, documentos visuais se revelam informações valiosas para análise histórica (mas não apenas, como pudemos ver neste ensaio).

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lígia Maria Brochado de. O lugar e o mapa. **Cad. Cedes**, v. 23, n. 60, p. 139-148, ago. 2003. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

BURKE, Peter. **Eyewitnessing**: the uses of images as historical evidence. London: Reaktion Books, 2001.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>

REGO, Nelson et al. O ensino de Geografia como uma hermenêutica instauradora. **Revista Terra Livre**, n. 16, p. 169-193, 2001.